

DA ESSÊNCIA E DA EXISTÊNCIA DO JORNALISMO

Adísia Sá

Professor-Assistente do Departamento de Comunicação Social e Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará. Livre docente pela Universidade Federal Rural de Pernambuco. Professor-Adjunto do Departamento de Filosofia da Universidade Estadual do Ceará.

Os indivíduos menos afeitos às instrumentalizações do saber filosófico têm, consigo, e quase sempre propalam, uma certa ojeriza ao discurso filosófico. Para essas pessoas a Filosofia é saber teórico demais para ser saboreado e/ou aproveitado pelo cientista, pelo técnico, pelo pragmático. Impõem, esses indivíduos, uma premissa geradora da trágica dicotomia: Saber x Ação. Cada um no seu lugar. Estanque. Incomunicável.

O homem, nesta postura, é jogado num mundo dividido, cujas partes, contrárias, impossibilitam um debate, um diálogo, uma convivência.

A velha e clássica discussão sobre essência e existência, a gosto dos metafísicos de outrora e ainda tão sensível na contemporaneidade, é, no fundo, um equívoco gnosiológico e,

por extensão, epistemológico. E este equívoco é “filosofado” praticamente pelos que o alimentam e renegam ao mesmo tempo.

Noutras palavras: são geralmente as pessoas que mais combatem a Filosofia as que mais vivem e pensam filosoficamente.

Saber x Ação é uma dicotomia representativa da luta entre essência e existência.

A essência teria uma representatividade universal abstrata, ou seja, uma realidade fora do tempo e do espaço.

A essência imporia à existência os atributos a ela inerentes.

Esta visão, eminentemente platônica, responde por uma visão realista diferente da de Aristóteles (modelos que tomo para o desenvolvimento deste trabalho), que informa: os atributos existem nos particulares, independentemente da essência. Vale dizer: a existência tem uma representatividade particular, concreta — uma realidade no tempo e no espaço.

Na colocação platônica teríamos entidades abstratas, ideais, inquestionáveis em termos particulares.

Assim, o jornalismo seria uma entidade abstrata e seus atributos (qualidades) lhe são inerentes.

O jornalismo, então, teria propriedades resultantes de sua essencialidade. Noutras palavras: o jornalismo seria uma entidade abstrata e tudo que recebesse o seu nome seria instância maior de sua essência, ou seja, a definição (essência) geraria a existência.

Jornalismo seria um termo absoluto, abstrato, independentemente do tempo e do espaço em que se situasse ou acontecesse.

Se afirmamos: o jornalismo existe, arrasto, conseqüentemente, as suas propriedades no seu próprio conceito.

Tal colocação é platônica, sem dúvida.

Na ótica aristotélica o problema se afigura de outro modo: existem tipos de jornalismo no tempo e no espaço. O jornalismo, neste enfoque, carece das categorias tempo e espaço, ou seja, realidade concreta.

A realidade concreta (tempo/espaço) é referência inquestionável.

Noutras palavras: não nos podemos desvincular da realidade, se queremos que o nosso discurso seja possível, racional.

Jornalismo é, neste contexto, um objeto concreto. Tem, portanto, realidade (tempo/espaço).

O jornalismo existe.

O que é jornalismo, então?

As definições diferem de acordo com os pontos de vista de cada um e este trabalho não se propõe a desenvolver tal tópico.

Listemos, então, os predicados do jornalismo.

Como fazer isto, sem uma definição?

Digamos, então, que jornalismo, segundo Frazer Bond, “significa todas as formas nas quais e pelas quais as notícias e seus comentários chegam ao público”.

Jornalismo existe, assim, no tempo e no espaço, trabalha coisas reais (notícias), para um público também concreto.

O atributo maior do jornalismo é, segundo a Sociedade Americana de Diretores de Jornais, “comunicar ao gênero humano o que seus membros fazem, sentem e pensam”.

O jornalismo, então, é real no tempo e no espaço. As palavras empregadas geram esta certeza: “comunicar... gênero humano... membros... fazem... sentem... pensam”, categorias e coisas eminentemente temporais/espaciais.

Pergunta-se: o jornalismo está sujeito, condicionado ao tempo e ao espaço? O jornalismo, ao contrário, tem uma essência maior que o torna capaz de romper, rasgar o tempo e o espaço?

O jornalismo, indagamos ainda, é, por si mesmo, isto é, existe por si mesmo, tem em si mesmo a sua própria essência e, conseqüentemente, a sua existência?

Se o jornalismo tem em si mesmo a sua essência superará o espaço e o tempo? Ou, caso contrário, se a sua existência é que gera a sua essência, teremos tantas formas de jornalismo quantos sejam os tempos e os espaços?

Estamos, a esta altura, no fulcro do tema.

Se dizemos que a realidade concreta (tempo/espço) é referência inquestionável, assumimos uma posição: tomamos o jornalismo como objeto real. O jornalismo, neste conceito, é real no tempo e no espaço. Está, assim, sujeito ao tempo e ao espaço?

Sim, o jornalismo está sujeito ao tempo e ao espaço.

Situado no tempo e no espaço, o jornalismo não fica imune às influências. Conseqüentemente, o jornalismo reflete o tempo e o espaço nos quais se insere.

Teremos, então, tantos tipos de jornalismo quantos sejam as épocas (tempo) e os espaços (meios)?

De acordo com este raciocínio, sim.

Significa que cada povo e cada época têm o seu próprio jornalismo. Como se explica, então, a sistemática posição do jornalismo em relação à sua chamada prerrogativa de "comunicar ao gênero humano o que os seus membros fazem, sentem e pensam"? Comunicar impõe, por assim dizer, como qualidade primeira, absoluta, a liberdade, visto que sem liberdade é impossível a comunicação.

Se comunicação implica liberdade, jornalismo só existe com e em liberdade! Jornalismo não é, conseqüentemente, fruto do tempo e do espaço. Ou liberdade também é espelho do tempo e do espaço? Jornalismo é entidade absoluta, transcendente, universal e que em si tem seus próprios atributos?

De início tomamos posição nitidamente aristotélica, isto é, tudo existe concretamente no tempo e no espaço. Agora, no encadeamento das proposições levantadas, aceitamos que há um atributo essencial no jornalismo, a liberdade. Tal postura é platônica, sem dúvida.

Então, qual a posição certa?

Ora, dissemos inicialmente que perdura em muitas mentes a pendência dicotômica Essência x Existência, no mesmo molde da referida Ação x Saber. E afirmamos que isto é um equívoco.

Agora explicamos.

Não há jornalismo como algo abstrato; há jornalismo no sentido concreto. E há como executante, como agente do

jornalismo, o jornalista. Há jornalistas, ou seja, indivíduos que exercem atividades e ocupam funções na Imprensa. Imprensa tomada no seu sentido mais amplo.

Os jornalistas, então, como homens do/no tempo e no/do espaço desempenham sua missão voltados para a realidade concreta. Há, implícito, um engajamento do jornalista. Engajamento político/partidário, ou seja, espacial/temporal? Não diremos exatamente isto, mas engajamento conceitual, isto é, com o conceito de jornalismo.

Esta saída que apontamos é eminentemente pessoal, cabendo contestação. Contestação válida, considerando-se que o assunto é discutível, como toda questão aberta. Como o jornalismo.

Cabe à realidade (tempo/espaço) o direito de condicionar o jornalismo aos valores dela. Mas cabe, também, ao jornalismo (comunicar) o dever de romper as limitações da realidade. Deste confronto de tese (realidade: tempo/espaço) e de antítese (conceito: jornalismo, comunicação, liberdade) há de surgir a desejada síntese.

Noutras palavras: a realidade (tempo/espaço) representada pelo sistema ideológico dominante (político/doutrinário) tem o direito de condicionar o jornalismo aos seus valores (doutrina/política). O jornalismo, comprometido com o seu conceito (liberdade de comunicar) tem o dever de romper o hermetismo do sistema ideológico dominante.

Se condicionar o jornalismo aos valores do sistema ideológico dominante é um direito dos que comandam este sistema, menor não é o dever do jornalismo de romper com o hermetismo desse sistema. Se o jornalismo entregar-se a esse condicionamento, representado pela censura, a Imprensa entrará, após uma a outra, nestas três etapas: informação, enformação e deformação da opinião pública.

Ou seja: a Imprensa passará a divulgar apenas a notícia que o sistema ideológico dominante permitir (informação): com isto, limitada na aquisição de informações, passa a enformar (dar uma forma só...) a opinião pública, culminante este processo na deformação da opinião pública, uma

vez que o sistema ideológico dominante tende a ser a única fonte geradora/transmissora de informações.

Reagindo às pressões (censura) do sistema ideológico dominante o jornalismo, fiel à sua prerrogativa de comunicar livremente as notícias, afirmará o seu papel de intérprete dos acontecimentos (explicação, localização e conseqüências).

Neste instante crítico reside, sem dúvida, o maior problema do assunto ora colocado: a essência do jornalismo confere a existência do jornalismo. O engajamento do jornalista deve ser, em suma, com a essência do jornalismo, sem o que a sua atividade será sempre o reflexo do que determina a realidade concreta (tempo/espaço ou sistema ideológico dominante).

Saber x Ação.

Sobre este item a nossa posição é idêntica à tomada sobre Essência e Existência.

Preliminarmente esclareça-se que conceituamos Saber como teoria ou conhecimento racional/lógico. Ação é prática ou atividade no tempo e no espaço.

O jornalismo envolve um Saber e uma Ação. Importa dizer que a teoria caminha lado a lado com a prática. Não compreendemos jornalismo apenas teórico, como não entendemos jornalismo apenas prático. Os dois momentos compõem o mesmo processo.

O jornalista, que é o agente ou executor do jornalismo, há de conjugar teoria e prática. Uma não exclui a outra. Pelo contrário, se completam.

O jornalista possuidor de teoria é mais criativo no exercício profissional, isto porque, dotado de maior gama de saber, instrumentaliza mais conhecimentos, encontrando, conseqüentemente, mais saídas ou inovações. Não será, então, fruto absoluto da realidade concreta.

O jornalista fruto da prática tende a ser repetitivo e o seu nível de saturação é bem menor. Pode tornar-se um repetidor da realidade concreta.

De outra parte, o teórico sem vivência, ou seja, sem prática, geralmente se fecha nas ideias ou no círculo das con-

cepções preestabelecidas ou se entrega às elucubrações intermináveis das hipóteses...

Assim, se o jornalista for egresso de curso superior especializado e, ao mesmo tempo, detentor de experiência ou prática, suas perspectivas profissionais são bem mais compensadoras. Mas o jornalista graduado, sem vivência profissional não passará de uma cria de laboratório, artificial e distante da realidade.

Acoplando, então, os dois itens deste trabalho — Essência x Existência, Saber x Ação — diremos: o Saber está para a Essência assim como a Ação está para a Existência, e o jornalista, como o jornalismo, há de ser a sua síntese.